

LINGUAGEM E REALIDADE – RESENHA DO LIVRO “DO SIGNO AO DISCURSO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA LINGUAGEM”

Cláudio de Abreu Júnior¹

clligoski@hotmail.com

“Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem”, obra publicada pela Editora Parábola, é um mapeamento da linguagem como tema filosófico em nosso tempo. Com larga experiência docente, e importantes pesquisas e publicações, Inês Lacerda Araújo, professora pesquisadora do programa de pós-graduação de filosofia da PUCPR, apresenta um guia prático e funcional (o que não significa dizer simplório) para o entendimento de questões referentes à linguagem. A relação desta última com a realidade é apresentada a partir de quatro perspectivas – signo, proposição, ato de fala e discurso – sob as quais é possível que se busque um entendimento do questionamento acerca da relação entre palavras e mundo, ou seja, do modo pelo qual é possível a *referência*. As discussões apresentadas levam o leitor a perceber que os problemas que a princípio envolviam o ato de referir diluem-se quando percebemos que “a linguagem não é um conjunto de regras, quer se o conceba como internalizado ou não (cultural). Não há um fulcro comum” (p. 273). O entendimento da linguagem em viés pragmático-discursivo conduz a um conjunto de novos desafios que se expressam tanto no terreno filosófico – na filosofia da linguagem e na filosofia da mente – como também no terreno lingüístico.

No que se refere à perspectiva do **signo**, a autora explora o enfoque lingüístico-estrutural de Saussure e a perspectiva semiótica de Peirce. Com o objetivo de dar conta da *langue* como sistema combinatório, Saussure, na lingüística do signo, afasta o

¹ Mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

problema da referência, atendo-se apenas a aspectos intrínsecos à língua. Contudo, essa restrição tem como consequência deixar de lado a relação da linguagem com o extralingüístico na explicação de como são produzidas as frases de uma língua. Algumas alternativas, mesmo que por caminhos distintos, nos apresenta Peirce, que partiu de um esquema diferente do de Saussure. Signo, objeto e interpretante compõem uma relação que, para o pensador norte-americano, deve explicar o que ocorre na prática lingüística e não no mundo conceitual do fundamentalismo metafísico: “Peirce mostra que não há pensamento sem linguagem, critica a noção de sujeito como *cogito* ou mente, evita o logocentrismo do estruturalismo ampliando a linguagem para além da linguagem verbal, mostra que a gramática, a lógica e a retórica estão inter-relacionadas em suas múltiplas funções” (p. 56). Assim, somos levados a antever em Peirce traços da pragmática, que mais adiante vai consolidar-se como essencial para o modo como a linguagem funciona.

Do ponto de vista da perspectiva da **proposição**, temos o enfoque lógico-representacionista de Frege, a proposta empírico-logicista de Russell e do “jovem” Wittgenstein além de Kripke, que retoma certo tipo de essencialismo. A idéia central desta perspectiva é a possibilidade de o estado de coisa ser representado exclusivamente por meio da forma lógica da proposição (em afirmações assertóricas). Ainda está presente aqui a idéia de que a linguagem tem somente função figurativa – o que será contraposto até mesmo pela obra tardia de Wittgenstein. Contudo, a forma lógica da proposição não explica a capacidade que as pessoas têm de referir, pois, enquanto falantes, nos entendemos mesmo com elementos comunicacionais que não podem ser descritos como uma proposição: “a realidade não tem um modo preferencial para ser designada ou referida” (p. 16). Nesse sentido, a autora defende que as teorias que colocam a referência pela proposição como problema central à filosofia da linguagem estão ainda limitadas às indicações metafísicas cartesianas – o *cogito* como fornecedor de representações do exterior. Algumas indicações em termos de ir além desses limites são vislumbradas pela autora a partir da perspectiva dos atos de fala.

O **ato de fala** – cerne da reação ao logicismo – está presente nas discussões acerca da linguagem como marco da virada lingüística. A obra tardia de Wittgenstein e as contribuições de Austin, Searle, Strawson. O trabalho desses autores é fecundo em termos de análise da linguagem ordinária, sendo que essa análise efetiva-se na reflexão acerca do problema da referência e da significação sob a perspectiva do uso da linguagem e do falante, usuário desta. Neste sentido, há uma mudança de foco quando

da passagem do modelo logicista para a abordagem pragmática, representada, por um lado, pela noção de “jogos de linguagem”, com Wittgenstein, e, por outro, com a noção de “ato de fala”, com Austin: “sentido, valor, verdade e referência a estado de coisa cedem lugar a comportamento, usuário, propósito da fala, situação de emprego” (p. 267). Entretanto, ao fim do terceiro capítulo, dedicado à perspectiva do ato de fala, somos levados a perceber que “os atos de fala não têm um alcance crítico o suficiente para abarcar o discurso como fenômeno com implicações sociais, políticas, epistemológicas” (p. 142). Isso só é possível se entrarmos na perspectiva do discurso.

Contudo, para uma melhor compreensão do que está em jogo nas discussões referentes à virada pragmática, importam tanto a controvérsia entre internalistas e externalistas quanto os aportes pragmatistas. A querela entre internalistas e externalistas é explorada pela apreciação dos trabalhos de Chomsky e Putnam. O pragmatismo está presente por meio de Dewey, do behaviorismo epistemológico de Quine, do neopragmatismo de Rorty além das idéias de Davidson. Esses autores voltam-se para o caráter pragmático da linguagem – uma linguagem pública, compartilhada, isto é, um comportamento exteriorizado. Assim, temos múltiplas e variadas formas de uso da linguagem que são adequadas, que emergem em interpretações e modelos aplicáveis às mais variadas situações. Com os aportes pragmatistas (e com a controvérsia entre internalistas e externalistas) aprendemos que o mundo não apresenta propriedades intrínsecas que sejam independentes das malhas lingüístico-cognitivas que se efetivam na linguagem.

Por fim, a perspectiva do **discurso** consolida-se como importante ao entendimento da linguagem por meio da teoria do agir comunicativo de Habermas e a análise do discurso de Foucault. Este último, ao conceber a linguagem como lugar de constituição do sujeito e o discurso como uma prática social, mostra que a linguagem não se limita a função designadora, pois o discurso é veículo de relações saber e poder. Já por parte de Habermas, a linguagem é vista como fundamental à comunicação, sendo esta última uma forma privilegiada para o agir na sociedade. Para este pensador não há discurso sem atos que tenham objetivos, pelo que “o chamado ‘pragmatismo formal’ de Habermas conduz o discurso à condição de ponto nevrálgico das discussões éticas e políticas de nossa época” (p. 246).

Ao final da obra, vemos que “a referência deve ser vista como uma atividade de homens capazes de linguagem e de ação” (p. 263). I. L. Araújo defende a proposta de que a referência não é algo que a linguagem tenha para si, intrínseca e formalmente,

pois não há na linguagem elementos marcados pela função de dizer o mundo. Não cabe à linguagem a função de esgotar ou, ainda, retratar a realidade. Devemos ser mais modestos, conclui a autora: “não é possível e nem desejável estabelecer o que é a linguagem, mas tentar compreender melhor as possibilidades de significar e referir como próprias de atos de fala, em que se diz algo a respeito de uma situação para alguém, que deve estar capacitado a saber de que se está a falar e poder reagir de acordo com essa sua compreensão” (p. 263).

Do signo ao discurso é de fato uma obra de introdução à filosofia da linguagem. Apresenta como principal virtude a sua clareza de escrita – o que faz dele um texto agradável de ser lido; Contudo, não obstante a excelente divisão dos capítulos – acrescida de uma apresentação clara na introdução –, requer do leitor um pouco de atenção, pois apresenta inúmeros conceitos que não são de domínio do leitor leigo. Recomendamos este trabalho como, no mínimo, bibliografia de apoio em cursos que tenham como objetivo a reflexão referente à linguagem – seja na perspectiva da filosofia ou mesmo da lingüística. Entender a articulação existente entre signo, proposição, ato de fala e discurso é de fundamental importância não só para o entendimento da própria linguagem, mas também para estar a par das discussões atuais em termos de epistemologia, ética, direito, antropologia e outros campos de saber.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.